

“A NECESSIDADE INSENSATA E DOLOROSA DE POSSUÍ-LA” Ciúme, desejo, amor e poesia sob a perspectiva da falta em marcel proust e safo de lesbos

Anita Rivera Guerra¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo traçar uma reflexão acerca dos temas do ciúme, desejo, amor e poesia através de um diálogo entre as obras literárias *Um amor de Swann*, de Marcel Proust, e *Fragmentos Completos*, de Safo de Lesbos; e de um *corpus* teórico representado por *O Banquete*, de Platão, *Proust e os signos*, de Gilles Deleuze, e *O erotismo e A literatura e o mal*, de Georges Bataille. Por meio das obras citadas, buscamos realizar um ensaio que explorasse as perspectivas filosóficas e narrativas acerca do amor e do ciúme de modo a apreender seus significados subjetivos na construção do *éthos* humano, antigo e moderno, e suas relações com o desejo e o próprio fazer da poesia – e como os temas, relacionados e relacionais, demonstram algo em comum: a falta.

Palavras-chave: Proust; Safo de Lesbos; amor; poesia, desejo.

RÉSUMÉ

Cet article vise à réfléchir sur les thèmes de la jalousie, du désir, de l’amour et de la poésie à travers d’un dialogue entre les œuvres *Un amour de Swann* de Marcel Proust et *Fragments Complets* de Sappho de Lesbos; et d’un *corpus* théorique représenté par *Le Banquet* de Plato, *Proust et les signes* de Gilles Deleuze, et *L’Érotisme et La Littérature et le mal* de Georges Bataille. À travers les ouvrages cités, nous cherchons à réaliser un essai qui explore les perspectives philosophiques et narratives de l’amour et de la jalousie afin d’appréhender leurs significations subjectives dans la construction de l’*ethos* humain ancien et moderne et leurs relations avec le désir et le faire de soi de la poésie - et comment les thèmes, liés et relationnels, montrent quelque chose en commun: le manque.

Mots-clés: Proust; Sappho de Lesbos; amour; poésie; désir.

Platão narra, sob a voz de Aristófanes em *O banquete*, que antigamente os seres humanos se dividiam em três gêneros: o masculino, o feminino e o andrógino. Com dois sexos – que se combinavam para compor um dos três gêneros – quatro pernas, quatro braços e dois rostos, “eram por conseguinte de uma força e vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham”².

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisa as relações entre narrativa e desejo a partir da Literatura e da Filosofia.

2 PLATÃO. *O banquete*, p. 75.

Movidos pela presunção, escalaram o Olimpo com o intuito de combater os deuses, que, enfurecidos – mas sem quererem eliminar aqueles que os adoravam – decidiram por dividir ao meio as criaturas, enfraquecendo-as. Assim selou-se o destino dos homens: vagar pelo mundo à procura de sua outra metade, “em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana”³. Assim o amor surge, ligado essencialmente à falta, tendo em seu âmago o desejo de completude.

É nessa dimensão do desejo que Georges Bataille situa o erotismo, seja ele o dos corpos, dos corações ou o sagrado; “o que está sempre em questão é a substituição do isolamento do ser, de sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda”⁴. Para ele, o erotismo se dá como uma busca do ser por um todo perdido, pela angústia de nascer e morrer só, pelo rompimento primordial de uma continuidade íntegra por uma “violência elementar”⁵, que é o que alimenta essa busca. O desejo se coloca, assim, ele próprio enquanto violência – um ímpeto aterrador em direção àquela dimensão essencial do ser que de alguma forma se perdeu.

Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust, tem a busca como cerne; para Gilles Deleuze, em *Proust e os signos*, é a busca de uma verdade, um aprendizado, que está em questão na obra⁶. Especificamente no volume *Um amor de Swann*, a procura pela verdade se dá no âmbito do amor de Swann para com Odette e o ciúme extremo que ele acarreta. Na obra de Safo de Lesbos, representada aqui pelos *Fragmentos completos*, a própria leitura se coloca enquanto busca – seja no campo da narrativa, que traz constantemente os temas do desejo, amor e ciúme; no trabalho de construção e desconstrução de sentido a que o leitor é exposto pelo fato de todos os poemas, à exceção de um, serem considerados incompletos; ou na procura física, ao longo da História, de manuscritos com versos atribuídos a Safo. Ambas as obras trazem à tona uma fragmentação do ser e de sua escrita, perpassados pelas temáticas do amor, desejo e ciúme; buscaremos analisar, a partir delas e de um *corpus* teórico relativo à essa construção fragmentada do sujeito a partir da narrativa e do desejo, como estes se relacionam e se constituem concomitantemente ao Outro sob a perspectiva da falta – ou da busca.

Os discursos de Sócrates em *O Banquete* e *Fedro* também trazem a figura do Amor como falta. O filósofo afirma que “é evidente que o Amor é desejo”⁷, e que aquele que deseja é carente de algo; “esse então, como qualquer outro que deseja, deseja o que não está à mão nem consigo, o que não tem, o que não é ele próprio e o de que é carente; tais são mais ou menos as coisas de que há desejo e amor, não é?”⁸. Deseja-se o que não se possui. É a partir disso que, sob a voz da sacerdotisa Diotima de Mantinea, Sócrates conclui que o Amor, ou Eros, não é deus – pois os deuses não são carentes de nada – e tampouco homem, mas sim algo entre os dois, um “gênio” cujo poder é “o de interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses, de uns as súplicas e os sacrifícios, e dos outros as ordens e as

3 PLATÃO. *O banquete*, p. 79.

4 BATAILLE. *O erotismo*, p. 39.

5 BATAILLE. *O erotismo*, p. 40.

6 DELEUZE. *Proust e os signos*.

7 PLATÃO. *Fedro*, p. 69.

8 PLATÃO. *O banquete*, p. 111.

recompensas dos sacrifícios”⁹, unindo os dois movimentos em um só todo que fica “ligado todo a ele mesmo”¹⁰. Como Bataille afirmando o amor como uma “embriaguez divina”¹¹, o Amor se coloca como um elo entre homens e deuses que escapa à racionalidade.

Em *Proust e os signos*, Deleuze diferencia quatro signos que perpassam e constroem a narrativa de Proust; os signos mundanos, amorosos, sensíveis e artísticos¹². Os amorosos, vividos por Swann em relação a Odette, seriam signos mentirosos que teriam o ciúme como seu ápice; o ciúme seria mesmo a finalidade do amor. Para Deleuze, isso se dá a partir da percepção que o amante tem, junto ao ser amado, da distância intransponível que existe entre eles, que gestos apaixonados, longe de apaziguarem a angústia que essa percepção causa, a potencializam ao máximo sob a forma do ciúme.

Mas logo o ciúme, como se fora a sombra do amor, se complementava com o duplo daquele novo sorriso que ela lhe dirigira naquela mesma noite — e que, inverso agora, escarnecia de Swann e enchia-se de amor por outro — com aquela inclinação de cabeça, mas dirigida a outros lábios, e, dadas a outro, todas as mostras de ternura que tivera para com ele.¹³

Bataille traz também essa imagem ao afirmar que “entre um ser e outro existe um abismo, uma descontinuidade”¹⁴, que direcionaria o sujeito a uma tentativa eterna, impossível, de transpor essa distância — o erotismo. O amor e a paixão, para Bataille, assumem a figura do “erotismo dos corações”, ou “erotismo puro”¹⁵ — tão ou mais violento que o dos corpos, apesar de mais livre, por trazer sempre, em oposição e complementação à felicidade do amor, o sofrimento causado pela angústia da impossibilidade de continuidade entre o amante e o amado, “na medida em que é inacessível, na medida em que é busca na impotência e no estremecimento”¹⁶.

É sob a percepção dessa falta que Swann se percebe apaixonado por Odette; ao chegar no salão dos Verdurin e não encontrá-la, sai pelas ruas de uma Paris noturna à sua procura, com uma avidez desesperada — “tremia ao se ver privado de um prazer que pela primeira vez avaliava, pois até então tivera a certeza de o encontrar quando quisesse, coisa que sempre diminui ou até nos impede de apreciar o que vale um prazer”¹⁷.

E essa condição se realiza quando — no instante em que ela nos faltou — sentimos em nós não o desejo de buscar os prazeres que seu convívio nos proporciona, mas uma necessidade angustiosa, que tem por objeto essa mesma criatura, uma necessidade absurda, que as leis deste mundo tornam impossível de satisfazer e difícil de curar — a necessidade insensata e dolorosa de possuí-la.¹⁸

9 PLATÃO. *O banquete*, p. 119.

10 PLATÃO. *O banquete*, p. 119.

11 BATAILLE. *A literatura e o mal*, p. 21.

12 DELEUZE. *Proust e os signos*.

13 PROUST. *Um amor de Swann*, 388.

14 BATAILLE. *O erotismo*, p. 36.

15 BATAILLE. *A literatura e o mal*, p. 13.

16 BATAILLE. *O erotismo*, p. 43.

17 PROUST. *Um amor de Swann*, 282.

18 PROUST. *Um amor de Swann*, 287.

Páginas mais tarde, o narrador retoma a cena e a sensação que o tomou; “aquela primeira que fora tão dolorosa e permaneceria a única, ao fim daquelas horas singulares da sua vida, horas quase encantadas, à feição daquelas em que atravessava Paris ao luar”¹⁹. Reconhece-a como ciúme. O ciúme de Swann, ao longo da narrativa de Proust, atua como um encantamento, uma força exterior que controla suas ações; irracionalmente a personagem sente-se impelida à busca, ora de Odette, ora da descoberta de que Odette mentia. Desvelar as supostas mentiras da amada tornou-se o objetivo maior da vida de Swann; mas ao mesmo tempo em que descobri-las satisfazia seu ciúme, também destroçava seu coração – “seu ciúme se alegrava com aquilo, como se tivesse uma vitalidade independente, egoísta, faminto de tudo que o pudesse alimentar, embora à custa do próprio Swann”²⁰. O ciúme se coloca como externo àquele que o sente, o possui e o tortura com a construção de narrativas não raro insólitas, a ida à casa de Odette com o intuito de flagrá-la com outro e a submissão da amada a um interrogatório minucioso, em que descobre verdades que lhe causam intensa dor.

Pois o ciúme, que se dera um trabalho que um inimigo não teria para lhe assestar aquele golpe, para lhe dar a conhecer a dor mais cruel que jamais sentira, o ciúme achava que ele não tinha sofrido bastante e procurava fazer com que recebesse uma ferida ainda mais profunda. Como uma divindade maligna, o ciúme o possuía, levando-o à perfeição.²¹

Colocando-se como inimigo de Swann, seu ciúme parece distanciar-se cada vez mais do amor. Segundo Deleuze, porém, em *Proust e os signos*, o ciúme “contém a verdade do amor”²². Bataille afirma que o erotismo “tem de qualquer modo algo de pesado, de sinistro”²³; o erotismo dos corações também traz essa carga obscura que talvez se traduza, em parte, no ciúme – imagem que Proust traz ao falar do ciúme como “sombra do amor”²⁴ e “uma divindade maligna”²⁵. Como o Mal e a transgressão de Bataille, o ciúme é irracional – uma “necessidade insensata e dolorosa”²⁶ de posse do ser amado que acaba por possuir também o amante. O amor mesmo se coloca como possessão; na última frase de *Um amor de Swann*, a personagem percebe a insensatez de seus sentimentos por Odette: “E dizer que eu estraguei anos inteiros de minha vida, que desejei a morte, que tive o meu maior amor, por uma mulher que não me agradava, que não era o meu tipo!”²⁷.

O Mal e a transgressão se opõem respectivamente ao Bem e ao interdito – os primeiros, irracionais, pertencem ao instante presente, aos excessos e, em última instância, à morte; os segundos seguem a lógica racional do trabalho, com a preocupação com o futuro, a negação da morte. Como na relação entre o Bem e o Mal e a transgressão e o interdito, o amor e o

19 PROUST. *Um amor de Swann*, 296.

20 PROUST. *Um amor de Swann*, 346.

21 PROUST. *Um amor de Swann*, 437.

22 DELEUZE. *Proust e os signos*, p. 8.

23 BATAILLE. *O erotismo*, p. 42.

24 PROUST. *Um amor de Swann*, 388.

25 PROUST. *Um amor de Swann*, 437.

26 PROUST. *Um amor de Swann*, 287.

27 PROUST. *Um amor de Swann*, 455.

sofrimento se constituem sempre em oposição um ao outro, mas sob a necessidade da existência desse outro para ter algo ao qual se opor – “o Mal é o sonho do Bem”²⁸, aquilo que lhe dá sua razão de existir. Sócrates afirma, em *Fedro*, que “o amor de um homem apaixonado não provém de um sentimento benévolo, mas, como o apetite ao comer, da necessidade de satisfazê-lo. ‘Como o lobo ama ao cordeiro, ama o apaixonado o seu amado.’”²⁹. A necessidade que traz o amor nada tem de racional ou satisfatória; é mesmo insensata e dolorosa, como escreveu Proust e como nos mostra Safo.

Num deslumbre ofusca-me igual aos deuses
esse cara que hoje na tua frente
se sentou bem perto e à tua fala
doce degusta

e ao teu lindo brilho do sorriso – juro
que corrói o meu coração no peito
porque quando vejo-te minha fala
logo se cala

toda a língua ali se lacera um leve
fogo surge súbito sob a pele
nada vê meu olho mas ruge mais ru-
ído no ouvido

gela-me a água e inunda-me o arrepio
me arrebatada e resto na cor da relva
logo me parece que assim pereço
nesse deslumbre

[...] ³⁰

Uma das interpretações comumente atribuídas a esse fragmento é em torno do ciúme. Safo narra o sofrimento sentido ao ver sua amada dirigindo seus signos – a fala, o “lindo brilho do sorriso” – a outro que não ela; tomada pelo ciúme, sente-se perecer. Perde a fala, a visão, seu coração se corrói, as entranhas queimam; a dor de Safo se assemelha à de Swann. A “cor da relva”, por acaso ou não, também remete a outras referências literárias acerca do ciúme; Shakespeare se refere ao sentimento como “um monstro de olhos verdes”³¹ e Clarice Lispector afirma que “o ciúme é verde”³². Segundo a nota de rodapé do tradutor de Safo, a cor verde era relacionada à sexualidade na Grécia Antiga, e pode também referir-se à cor cadavérica de um corpo pelo contexto do poema³³.

28 BATAILLE. *A literatura e o mal*, p. 18.

29 PLATÃO. *Fedro*, p. 74.

30 LESBOS. *Fragmentos completos*, p. 109.

31 SHAKESPEARE. *Otelo*, p. 50.

32 LISPECTOR. *Onde estivestes de noite*, p. 53.

33 LESBOS. *Fragmentos completos*, p. 111.

O amor e o sofrimento seriam mesmo indissociáveis um do outro. Bataille diz, em *A literatura e o mal*, que “se o amor às vezes é rosa, o rosa se combina com o negro, sem o qual ele seria o signo do insípido. [...] Sem a infelicidade a ele ligado como sombra à luz, uma imediata indiferença responderia à felicidade”³⁴. Talvez seja essa dupla natureza do amor que Safo invoca ao afirmar que Eros é “agridoce”³⁵.

Eis que Amor solta-membro estremece-me
agridoce intratável reptílico³⁶

Reptílico, o amor esquenta sob o sol e esfria sob a água; mutável, incerto, de aparência sinistra porém impecável nos detalhes, como as cobras coloridas são as mais venenosas – o Amor faz estremecer, de novo, “na medida em que é inacessível, na medida em que é busca na impotência e no estremecimento”³⁷.

Em *O banquete*, Diotima conta a Sócrates que o Amor é filho da Pobreza e do Recurso. Assim, “ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe”³⁸; e, como o pai, “é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista”³⁹. Essas duas naturezas do Amor fazem com que ele não seja nem mortal nem imortal, nem deus nem homem, nem sábio nem ignorante; “no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece; ora morre e de novo ressuscita, o que consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece o Amor nem enriquece”⁴⁰.

Dessa forma, o Amor tem a dualidade em seu âmago – de um lado a carência e a astúcia da mãe, sempre buscando aquilo que lhe falta; do outro, a abundância do pai, que lhe dá a completude. É pelo movimento eterno entre as duas essências que o Amor busca avidamente o que lhe completa, sem nunca estar completo; Antonin Artaud, em carta a Anaïs Nin, diz que “uma necessidade violenta e que nos ultrapassa empurrou-a em direção a mim”⁴¹; Sócrates, em *Fedro*, fala de Eros como uma “força todo-poderosa, irresistível”⁴², que só existe enquanto não encontra a saciedade – “coisa que todos consideram desagradável”⁴³. Bataille também trabalha a impossibilidade da completude do Amor ao afirmar que apenas junto à infelicidade – ao Mal – que a felicidade é desejável; imagem trazida por Proust ao afirmar, sobre um dos poucos

34 BATAILLE. *A literatura e o mal*, p. 125.

35 LESBOS. *Fragments completos*, p. 363.

36 LESBOS. *Fragments completos*, p. 363.

37 BATAILLE. *O erotismo*, p. 43.

38 PLATÃO. *O banquete*, p. 121.

39 PLATÃO. *O banquete*, p. 121.

40 PLATÃO. *O banquete*, p. 123.

41 ARTAUD. *A perda de si*, p. 61.

42 PLATÃO. *Fedro*, p. 70.

43 PLATÃO. *Fedro*, p. 72.

momentos de não-sofrimento de Swann, que este sentia uma “angústia tão apaziguada agora que bem se poderia chamar de felicidade”⁴⁴.

É essa força irresistível, necessidade violenta, dolorosa e insensata de possuir o outro – e mais, de tornar-se o outro, de tornar-se com o outro um só – e, ao mesmo tempo, a percepção da impossibilidade de sê-lo, o Amor. Swann aspira “não ter mais que uma alma para ambos”⁴⁵ ele e Odette; Artaud afirma que ele e Anaïs são “duas almas perdidas em espaços infinitos”⁴⁶ e diz que ela “pode me dar tudo o que me falta, ser o meu complemento” como “magnetismos contrários e que se aliam, estabelecendo um ciclo perfeito”⁴⁷. Ao mesmo tempo, tanto Swann quanto Artaud exprimem o sofrimento perante o medo de perder as amadas – por não serem eles, realmente, um só. “A paixão nos repete incessantemente: se possuísses o ser amado, esse coração que a solidão estrangula formaria um só coração com o do ser amado”⁴⁸, diz Bataille.

só desejo morrer sem mais
e ela assim me largava com lágrimas

infinitas e ao fim [falou
“ah so[fr]emos a sorte cruel
Safo e meu coração se recusa ao fim”

eu com pressa lhe respondi
“vai alegre mas vai lembrar
de mim sim e sabendo que amei você

[...] ⁴⁹

Como Swann, Safo – ou sua amada, não podemos saber – deseja a morte quando se depara com a impossibilidade e o sofrimento do amor. Para Bataille, a paixão é designada por “um halo de morte”⁵⁰; apenas a violência máxima, o limite último da descontinuidade do ser pode aliviar o amante da dor de amar – seja pelo suicídio ou pelo assassinato. E o que é colocado em questão é, em última instância, a imortalidade, a busca da continuidade. “E é a imortalidade que, com o bem, necessariamente se deseja, pelo que foi admitido, se é que o amor é amor de ter sempre consigo o bem. É de fato forçoso por esse argumento que também da imortalidade seja o amor.”⁵¹

Os colchetes presentes no poema indicam fragmentos deduzidos pelos tradutores e estudiosos de Safo, inexistentes ou ilegíveis nos manuscritos originais. Esses manuscritos

44 PROUST. *Um amor de Swann*, p. 293.

45 PROUST. *Um amor de Swann*, p. 305.

46 ARTAUD. *A perda de si*, p. 60.

47 ARTAUD. *A perda de si*, p. 61.

48 BATAILLE. *O erotismo*, p. 44.

49 LESBOS. *Fragmentos completos*, p. 261.

50 BATAILLE. *O erotismo*, p. 44.

51 PLATÃO. *O banquete*, p. 133.

originais, porém, tampouco foram escritos por Safo; ela e sua obra pertencem à cultura oral da música e da poesia da Grécia Arcaica. Sabe-se muito pouco sobre a pessoa Safo; na realidade, como sugere Guilherme Gontijo Flores na introdução de *Fragmentos completos*, traduzido por ele, “Safo sobreviveu ou se criou por uma série de corpos hoje anônimos”⁵². A questão da autoria se dá de outra forma que não a moderna; suas obras passaram por um “longo trajeto de desvios que só assim puderam nos trazer uma Safo, a imagem de uma Safo possível, um corpo que entre corpos revela-se no *corpus* sáfico, tudo o que resta, rastro de texto, canto incompleto”⁵³. As traduções de seus poemas são também múltiplas e variáveis de acordo com os critérios utilizados; Philippe Brunet editou um livro com mais de cem versões em francês de um único fragmento sáfico.

Dessa forma Safo chega a nós ela mesma enquanto fragmento; nada sabemos de sua música – seus poemas eram cantados, acompanhados da lira – e pouco de sua história; umas das poucas informações mais ou menos críveis que perpassou os séculos é a de que ela mantinha relações erótico-afetivas com outras mulheres e que participava de uma instituição pedagógica feminina semelhante às masculinas atenienses em que os professores mantinham relações sexuais com seus alunos. Sabemos, porém, que ela foi considerada por seus conterrâneos posteriores como a décima musa grega pela beleza de sua obra, repleta de cantos de amor e sofrimento⁵⁴.

Essas ruínas sáficas, construídas por camadas e camadas de significados e interpretações a elas atribuídos ao longo de milênios, oferecem uma outra questão: a da própria poesia enquanto falta – enquanto busca. “A poesia conduz ao mesmo ponto que cada forma do erotismo, à indistinção, à confusão dos objetos distintos”⁵⁵, afirma Bataille. Como o erotismo, ela se coloca como a necessidade impossível de tornar-se o outro para tornar-se a si próprio, através da perda de si, da despossessão de si, em direção à posse do outro – ela é “o reino do impossível, da insaciabilidade”⁵⁶. Como o Amor, é sempre incompleta e completa em si mesma; “ela nos conduz à eternidade, nos conduz à morte, e pela morte, à continuidade; a poesia é *a eternidade*”⁵⁷.

52 LESBOS. *Fragmentos completos*, p. 11.

53 LESBOS. *Fragmentos completos*, p. 11.

54 LESBOS. *Fragmentos completos*.

55 BATAILLE. *O erotismo*, p. 48.

56 BATAILLE. *A literatura e o mal*, p. 39.

57 BATAILLE. *O erotismo*, p. 48. Grifo do autor.

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. *A perda de si*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- _____. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- LESBOS, Safo de. *Fragments completos*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- LISPECTOR, Clarice. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.
- PLATÃO. *O banquete*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- PROUST, Michel. *No caminho de Swann*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2016.
- SHAKESPEARE, William. *Otelo*. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000126.pdf>>. Acesso em 03/09/2018.